

RELIGIOSIDADES E DIVERSIDADE SEXUAL NO SERVIÇO SOCIAL

RELIGIOSITIES AND SEXUAL DIVERSITY IN SOCIAL WORK

João Paulo Rosa LORENÇO* 

Claudia Neves SILVA** 

Resumo: Em face da relação histórico-social na qual valores, princípios e dogmas religiosos relacionam-se simbioticamente à construção binária de gênero sob as nuances da heteronormatividade, nos foi suscitado o seguinte problema: “Como os estudantes autodeclarados homossexuais do curso de Serviço Social lidam com os princípios e valores religiosos relacionados à sexualidade transmitidos por suas religiões?” Com tal questionamento, temos por objetivo compreender como os/as estudantes relacionam seus princípios e valores religiosos, enquanto LGBTQIA+, com a formação acadêmica universitária e como problematizam tais valores e princípios na jornada “científica” e futuramente profissional. Para tanto, realizamos nove estudos de caso com estudantes autodeclarados/as homossexuais de uma universidade pública estadual e verificamos que para todos estes discentes a religião influenciou em suas vivências afetivas e sexuais.

Palavras-chave: Sexualidades. Religiosidades. Relações de gênero. Serviço Social.

Abstract: In view of the historical-social relationship in which religious values, principles and dogmas are symbiotically related to the binary construction of gender under the nuances of heteronormativity, the following problem was raised: “How do self-declared homosexual students in the Social Work course deal with the religious principles and values related to sexuality transmitted by their religions?” We aim to understand how they relate their religious principles and values, while homosexuals, to university academic training and how they problematize these values and principles in the “scientific” and future professional journey. For this purpose, we carried out nine case studies with self-declared homosexual students, and we see that for all these students, religion influenced their affective and sexual experiences.

Keywords: Sexualities. Religiosities. Gender relations. Social Work.

Submetido em 10/04/2021.

Aceito em 03/12/2021.

*Assistente Social. Estudante de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Política Social/UEL. E-mail: joaopaulorosalorengo@gmail.com

** Doutora em História. Pós Doutora em Serviço Social. Profa. do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Política Social/UEL. Líder do Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Religião. Email: claudianevevess@uel.br



© O(s) Autor(es). 2020. Acesso Aberto. Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).

INTRODUÇÃO

Em diferentes períodos históricos, especialmente durante o final do medievo (século XV), a teocracia monárquica condenava as práticas caracterizadas como nefandas ou sodomitas, instituindo Tribunais do Santo Ofício com ramificações até mesmo em terras brasileiras. Tais atitudes construíram, reproduziram e legitimaram preconceitos relacionados às sexualidades ao longo de séculos de colonização, domínio europeu e hegemonia da doutrina e teologia católica, em que os princípios e valores religiosos dispunham de fundamental força e angularidade (MOTT, 1988).

Na contemporaneidade, ao menos no Ocidente, e especificamente no Brasil, não vivemos sob o domínio de uma teocracia republicana. Contudo, ainda é presente a perseguição àqueles que apresentam comportamento diferente do que é determinado pelas igrejas e seus líderes, não obstante o que está estabelecido na Constituição de 1988, em seu Artigo 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”¹.

Voltando-nos para o Serviço Social, o constructo normativo-discursivo que determina suas premissas éticas, nos Princípios Fundamentais do Código de Ética, pressupõe no Inciso VI “Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças”. Continuando o reforço à defesa da vida e dos direitos de homens e mulheres, o Código de Ética, no Inciso XI, destaca:

exercício do Serviço Social sem ser discriminada, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física” constitui uma premissa ética das assistentes sociais brasileiras (BRASIL, 2012, p.24).

Diante de uma sociedade extremamente heterogênea no que se refere à esfera cultural, sexual e religiosa surgiu o interesse de entender como estudantes autodeclarados/as homossexuais do curso de Serviço Social lidam com a construção dos valores e princípios religiosos de suas respectivas denominações religiosas.

Os/As discentes têm uma vida social fora da universidade, participam de diferentes grupos sociais, e mesmo após o contato com ideias amparadas na ciência, as quais, em algumas situações, se contrapõem às ideias religiosas, continuam participando de instituições religiosas, seja por tradição familiar ou conversão, conforme verificado nas pesquisas: “Religiosidade e adesão religiosa: motivações que levam homens e mulheres a adentrarem as portas do templo de uma igreja pentecostal” e “Manifestações Culturais Contemporâneas: Religião, Religiosidade e Juventude no Movimento pentecostal” realizada entre os anos de 2009 e 2012.

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Para a efetivação desta pesquisa, realizamos estudos de caso com 9 (nove) estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina no ano de 2019, com a finalidade de verificar como relacionam os conhecimentos adquiridos no curso com os valores e princípios religiosos no que se refere à afetividade e sexualidade, considerando as implicações que o conhecimento científico pode provocar na crença religiosa e, conseqüentemente, no comportamento desses/dessas estudantes.

A CONSTRUÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE FUNDAMENTADA EM VALORES E DOGMAS RELIGIOSOS – BREVES CONSIDERAÇÕES

Durante o medievo (século V ao XV), a tradição judaico-cristã instituiu o desprezo, a abominação e o preconceito acerca das relações homossexuais², tratando a “sodomia” como o mais grave pecado contra a “natureza”; neste sentido, nada mais óbvio do que o ritual de iniciação às trevas começasse com um beijo no orifício anal, por tratar-se da parte mais vergonhosa do corpo (MOTT, 1988, p. 134).

Na narrativa mítica cristã, Satanás, enquanto “anjo de luz”, era assexuado; mas após a sua expulsão do paraíso, reuniu em si toda luxúria presente no mundo, tornando-se o primeiro símbolo sexual, capaz de travestir-se e enganar Eva (MOTT, 1988, p.121).

Apesar dos aconselhamentos divinos para reprodução da máxima “crescei e multiplicai-vos”, os cristãos mantiveram suas relações sexuais cercadas por medos, tabus e condenações e o desejo sexual proibido e limitado pelos doutores e pensadores da Igreja, que almejavam que os fiéis imitassem a pureza assexuada de deus (MOTT, 1988, p.121).

O misticismo dominou a Europa cristã no período em que nobreza e clero imperavam: eram milagres, revelações e até “casamentos místicos”. Tereza d’Ávila, reconhecida Doutora da Igreja, relatou um encontro íntimo com o Senhor descrevendo um verdadeiro êxtase sexual. Tais delírios advinham da repressão aos impulsos e desejos da carne, conforme destacou Mott (1988, p.122).

A castidade tornou-se central na vida dos cristãos, visto que a virgindade se equiparava à construção da imagem de um deus e seus anjos assexuados. Nesta perspectiva, Lúcifer vociferava suas tentações carnis aos degredados filhos de Eva, utilizando a mulher como instrumento de suas ações, já que ela foi a primeira pecadora, levando o homem também a pecar (MOTT,1988).

Na Europa, conforme documentos da Santa Inquisição espanhola, o demônio se caracterizava enquanto um homem negro. Outrossim, não é de se duvidar que Belzebu se encarnasse também enquanto negro em terras tupiniquins, demonizando as religiões e tradições de matriz africanas (MOTT, 1988). Era habilidade do “coisa ruim”, auxiliar suas esposas e amantes nas tarefas domésticas, consideradas tipicamente femininas - como foi construído a partir da divisão sexual do trabalho - e escarnecia aos padrões sexuais

² Utilizaremos a denominação homossexual no decorrer do texto para uma melhor cadência de leitura, entendendo que esta palavra representa todas as siglas do movimento LGBTQIA+, que se traduz enquanto Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras/os.

naturais e assumia comportamentos desviantes, incluindo o homoerotismo e a sodomia (MOTT, 1988, p. 139).

Oficialmente, a Santa Sé nunca admitiu que o demônio fosse homossexual, porque até mesmo os oficiais da Igreja não admitiam que Lúcifer assumisse tal comportamento, pois acreditavam que a sodomia era um crime indigno, abominável e horroroso até mesmo para ele (MOTT, 1988).

A partir do discurso e documentos oficiais da Igreja Católica, justificava-se, ou melhor, justifica-se, a submissão da mulher ao homem e à instituição religiosa. Seja na Europa ou na América Latina, onde detém, ainda hoje, a hegemonia no campo religioso, seus argumentos de que a mulher é pecadora, entre outros motivos, porque é fraca de corpo e de mente, foram devidamente utilizados pelas ciências biológicas, especialmente durante o século XIX, geraram e difundiram compreensões equivocadas acerca do gênero feminino e masculino. Imbuíram no discurso médico legal que o gênero é pré-definido pelo órgão sexual (BUTLER, 2013), naturalizaram e naturalizam que o ser feminino deveria estar ligado a uma suposta fragilidade em relação ao corpo forte do homem em uma cruzada na qual os papéis sociais são definidos nas condutas a serem desenvolvidas por homens e mulheres (SAFFIOTI, 2004).

Assim como Simone de Beauvoir (1949) traduziu que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, Saffioti (2004) revela os corpos que se formam a partir das normas estabelecidas sobre o que é ser homem e ser mulher, através do gendramento social incorporado pelas pessoas durante milênios. Neste sentido, não é coerente que interpretemos o sexo como tradução única do gênero, pois este não é uma continuação legal do sexo, mas sim uma construção histórica de produção e reprodução de papéis, em que gênero não é somente estabelecido biologicamente, mas sim incorporado pré-discursivamente a priori do nascimento (BUTLER, 2013).

A categoria gênero é um constructo social influenciado por valores culturais, morais e religiosos historicamente relacionados, cooperando para a consolidação da relação binária entre homem e mulher, caracterizada pela reprodução de normas e padrões que identificam o ser feminino e o masculino desde o nascimento, cuja base é o aparelho reprodutor de cada indivíduo (BUTLER, 2013).

Com a emergência e consolidação do capitalismo, houve uma simbiose entre o patriarcado e o racismo, três grandes sistemas de exploração-dominância que se expressam pela etnia, gênero e classe, intrinsecamente ligadas como fonte substancial de acumulação de riquezas e apropriação de trabalho, que se transformaram em “um único sistema de dominação e exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo” (SAFFIOTI, 1987, p. 60).

Ainda conforme Saffioti (2004), o poder do macho sobre a mulher não é apenas mantido na relação privada, mas se manifesta essencialmente na esfera civil, dando aos homens direitos sexuais sobre o corpo das mulheres, praticamente sem restrições, baseado na ideologia machista e na violência.

De acordo com Judith Butler (2013), o “ser” não deve ser compreendido como tudo o que alguém realmente “é”, pois está intrinsecamente ligado ao momento histórico-social em que se insere, sendo a intersecção entre as modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais indissociáveis da política e da

cultura em que é produzida e mantida. E estas estruturas de poder, construtoras e mantenedoras de culturas dominantes e que se opõe e se impõem às manifestações que divergem das mesmas, permitem que se naturalize a violência contra determinados grupos sociais (BOURDIEU, 1989).

A partir das condições materiais de existência de seu grupo e classe social, homens e mulheres constroem e definem seu comportamento, conduta e interação com os demais e com a realidade ao seu redor e até mesmo a predisposição para uma atividade. São práticas que Bourdieu (1989) conceituou como *habitus*, que cada indivíduo reproduz a partir da classe social, da cultura, da etnia, da educação, da religião (dentre outros fatores) em que foi socializado e está imerso, favorecendo a manutenção da hierarquia social que estrutura suas relações e o seu convívio.

Neste sentido, podemos afirmar que a construção do preconceito e da violência contra as populações homossexuais é intrínseca ao processo histórico que remonta à construção dos vínculos socioculturais brasileiros (SILVA; BARBOSA, 2016); ou seja, a intolerância e o repúdio a quem não age conforme as normas sexuais estabelecidas, é admitido e estimulado, porque cotidianamente na igreja, na escola, na família é reforçado que a heteronormatividade é o correto e aceito por deus e pela sociedade.

Essa construção carrega em suas bases diversos elementos religiosos; conforme Silva e Barbosa (2016), a escola ecoa tais valores e princípios e reforçam preceitos morais e religiosos que constroem o discurso e educa os corpos de crianças e adolescentes para a “sexualidade humana binária”, incorporando preconceitos e dogmas. Esta instituição social, representada e legitimada pela família e seus funcionários, obrigam e reforçam esses padrões comportamentais, pois também já foram doutrinados pela heteronormatividade de cunho religioso (SILVA; BARBOSA, 2016, p.140).

A homossexualidade foi durante muito tempo considerada uma anormalidade, fazendo com que muitos homossexuais construíssem suas vidas e vivências em armários, com medo da violência da sociedade. Diversos fundamentalistas religiosos, membros e líderes de igrejas, defendiam e ainda defendem que a homossexualidade é um comportamento equivocado e antinatural, sendo, portanto, um pecado e uma doença a ser curada e o doente devidamente salvo (SILVA; BARBOSA, 2016, p.135).

O controle que a sociedade busca estabelecer entre os “normais e anormais”, “doentes ou saudáveis” marginaliza as vidas homossexuais, pois estes têm seus comportamentos direcionados pela visão doutrinária da criação divina estabelecida de comportamentos para machos e fêmeas (SILVA; BARBOSA, 2016, p. 135).

Diante da naturalização da violência, muitas pessoas LGBTQIA+ preferem viver sua vida e sexualidade em armários, aprisionando seus comportamentos, modos de vestir, falar, seus desejos, evitando interagir com outros indivíduos, com o intuito de não transgredir os padrões exigidos socialmente ou revelar sua orientação sexual, adotando maneiras de viver adequadas às normas social e religiosa (SILVA; BARBOSA, 2016).

A sociedade, cuja heteronormativa finca raízes profundas, admite que tudo está em plena perfeição, pois tudo foi criado por Deus, e este só poderia criar algo perfeito à sua imagem e semelhança (SILVA;

BARBOSA, 2016). Nesta perspectiva, os corpos, ou melhor, homem e mulher, devem se comportar de forma heterossexual, seguindo o binarismo dos corpos e da mente.

A infalibilidade divina, apoio do discurso normativo, admite que todos os que estão em desacordo à sua natureza sexual são considerados pecadores, mas apenas os homossexuais têm seus atos sexuais comparados aos crimes mais hediondos, como o canibalismo, a pedofilia, o matricídio, o genocídio e o deicídio (SILVA; BARBOSA, 2016).

Tendo por base a concepção de binarismo de gênero e a diferenças entre os sexos masculino e feminino, o discurso de líderes religiosos ganhou, nos últimos 30 anos, eco, força e legitimidade em diferentes campos da sociedade brasileira. Assim, não é difícil percebermos a manifestação de diversos representantes do Estado brasileiro fundamentado em valores e princípios religiosos, considerando que 88.8% da população brasileira se declara cristã (IBGE, 2010).

Há que se destacar que a partir da segunda metade do século XX houve um crescimento vertiginoso do pentecostalismo, trazendo mudanças no campo religioso brasileiro. De acordo com a teologia pentecostal:

as forças do mal, o maligno, é uma realidade concreta, porque habita no mundo, manifestando-se no dia a dia daqueles que não creem e também daqueles que creem como a falta de emprego, as enfermidades físicas e mentais, a violência doméstica. Na guerra contra o mal, as armas são as vigílias, a oração e o jejum (SILVA; LANZA, 2015, p. 156).

Como não poderia deixar de ser, também nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário deu-se o aumento de prefeitos, juizes, deputados, senadores, entre outros políticos e funcionários, que comungam com os valores religiosos pentecostais, cuja base é a crença em um deus presente em todos os aspectos da vida, cabendo dedicação exclusiva de homens e mulheres: “O maligno é quem levaria a mulher e o homem a saírem dos trilhos de Deus, ocasionando uma vida de penúria, dor, miséria [...] Não combater o mal, isto é, o demônio, representa a vitória do caos e da desordem na vida pessoal” (SILVA; LANZA, 2015, p.157).

Portanto, aqueles e aquelas que ousam ir contra as determinações divinas, devem ser derrotados e convertidos, porque vão contra os valores cristãos e familiares. Nesta ótica, a misoginia, a homofobia, a violência contra a mulher estão plenamente justificadas.

No que se refere aos estudantes universitários, universo de nossa pesquisa, particularmente estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, verificamos, a partir de pesquisa realizada entre os anos de 2009 e 2016, que estes participam de manifestações religiosas de forma assídua e por vezes, tomam decisões baseadas em suas crenças e valores religiosos, asseverando desta forma, a influência da religião em seu comportamento e concepção de mundo.

A partir do resultado da pesquisa, suscitou-nos a dúvida de como os/as estudantes do curso de Serviço Social autodeclarados homossexuais entendem e conciliam seus princípios religiosos e sua sexualidade.

A RELAÇÃO ENTRE PRINCÍPIOS RELIGIOSOS E SEXUALIDADE: OS/AS ESTUDANTES DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Para entendermos a relação entre princípios e valores religiosos no que se refere a sexualidade devemos ter ciência que o conservadorismo, particularmente o conservadorismo com bases nos ideais religiosos, é crescente no país e as consequências rebatem em toda a população LGBTQIA+, especialmente nos sujeitos desta pesquisa.

Para respondermos esse questionamento recorreremos aos estudos de caso realizado junto aos sujeitos que colaboraram voluntariamente e tiveram suas identidades preservadas através de nomes não binários. A partir das primeiras aproximações com os dados obtidos junto aos discentes de ambos os sexos e turnos do curso de Serviço Social, percebemos um perfil socioeconômico diversificado dos discentes que ingressam no curso, apresentando diversas camadas das classes médias brasileiras³.

Foram nove pessoas que voluntariamente participaram desta pesquisa, cinco do sexo feminino e quatro do sexo masculino, seis pessoas brancas e quatro negras. Conforme o recorte de renda, as mulheres e homens negros (3) declararam rendimentos na faixa de dois a cinco salários mínimos advindos dos trabalhos informais que realizam para complementar a renda familiar, enquanto as pessoas brancas, mesmo com salários na mesma faixa, não precisavam trabalhar para que a renda familiar se completasse, dedicando-se integralmente à atividade discente. Apenas um sujeito indicou renda superior a cinco salários mínimos.

A partir do perfil dos/das estudantes, recorreremos aos estudos de Heleith Saffioti e constatamos que à mulher foram estabelecidos dois grandes pontos de exploração dentro do modo de produção capitalista - de um lado, é explorada pelo empregador, recebendo salários menores que os homens e do outro, é obrigada a manter os cuidados domésticos conforme os gostos do marido, servindo de objeto de exploração dos dois e ficando exposta a dimensão da dominação existente entre esse modo de produção e o patriarcado (SAFFIOTI, 1987, p.51).

O patriarcado não é somente um sistema de dominação construído pela ideologia machista, se assim fosse deveria situar-se substancialmente nos campos político e ideológico, mas é também um sistema de exploração, pois é diretamente conectado a estruturação do modo de produção capitalista, vigente nesta sociedade (SAFFIOTI, 1986, p.50).

O machismo ultrapassa os limites da classe social, estando presente também no campo do racismo, com diferentes formatações nas classes subalternizadas e privilegiadas, e em populações brancas e não-brancas (SAFFIOTI, 1987 p.16).

O patriarcado e o racismo se confluem no Brasil ao possuírem elementos capazes de permitir a maximização dos lucros capitalistas, e assim estruturar este sistema socioeconômico através da exploração da classe trabalhadora negra e feminina brasileira (SAFFIOTI, 1986, p. 62).

³ Tomamos como comparativo, o salário mínimo do Estado do Paraná do ano de 2019 – média de R\$ 1.345,00.

As famílias de alguns dos sujeitos que participaram da pesquisa mantêm fortes vínculos religiosos, praticando e professando uma fé cristã. Tainã relata que: “desde que eu nasci fui batizada em uma igreja evangélica, meus pais sempre foram muito envolvidos até mesmo antes do casamento, pois eles também vieram de famílias religiosas.”

A mesma pessoa ainda revela que: “sempre era levada na igreja, não tinha a opção não ir. Era obrigada a ir mesmo, então era uma rotina [...] quando eu era adolescente eu convivia com gente religiosa, então eu tive esse conflito por muito tempo!”. Estas afirmações mostraram-se recorrentes no decurso das aproximações com os sujeitos, isto é, a exigência de ter que frequentar uma igreja e conviver com pessoas cujos valores religiosos contrapunham-se à sua concepção de vida.

A era medieval colaborou para a criação da visão demonizada dos/as homossexuais e das relações homoafetivas, e mesmo após os processos de cientificação da humanidade com o Renascimento, o Estado burguês se estruturou como palco da manutenção de violências pois naturalizou estas concepções acerca dos homossexuais e estabeleceu padrões de comportamentos e práticas sexuais. (MOTT, 1988, p. 134; BREPHOL, 2016, p.138)

Outro fato que nos chamou a atenção foi a interação entre instituição escolar e a religião, mostrando-se recorrente durante a pesquisa com os/as estudantes. Cecil afirmou que: “(...) não gostava da aula de ensino religioso, porque não era religião, tipo, de várias religiões, era só um enfoque na católica”.

Kim informou que: “Frequentava sempre a igreja, estudei em colégio de freira, com ensino religioso confessional”. A imposição do ensino da doutrina católica em instituições escolares já vem de longa data, considerando que a Igreja Católica detém, ainda, a hegemonia no campo religioso brasileiro.

Contudo, verifica-se que o número dos que se declaram evangélicos aumenta a cada decênio. De acordo com o censo demográfico de 2010, houve um declínio dos que se declaram da Igreja Católica (64,6%), aumento do número de pessoas que se dizem evangélicas (22,2%) e aumento dos que foram classificados como sem religião (subiu para 8,0%).

A angústia ainda persiste entre alguns das pessoas que não assumiram para a família sua orientação sexual, descrevendo o medo que sentem caso decidam conversar com seus familiares. Os corpos devem seguir o que está normatizado, ou seja, ser homem ou ser mulher,

Eles (os pais) já falaram, para eles essa opção não existe, pelas falas eles respeitam e conhecem, mas desde que não esteja na nossa família. Já aconteceu da minha irmã ir na Parada Gay do ano passado, eles descobriram e foi um escarcéu em casa, um inferno!

Os corpos devem seguir o que está normatizado - mulher para a maternidade e a casa e homem para a guerra, o sustento. Devem se unir em harmonia, homem com mulher, porque a heterossexualidade é o normal e correto, ou seja, o binarismo de gênero.

Na atualidade essas concepções religiosas colaboram para a consolidação da ideologia neoliberal, ou seja, “os ideais de eficiência e resultados quantitativos e da prosperidade (aquisição de bens) como bênção divina, passaram a ser trabalhados por suas lideranças e disseminados pela mídia evangélica” (CUNHA,

2002, p.17).

A lógica do mercado perpassa as instituições religiosas, especialmente as pentecostais e neopentecostais. Algumas dessas comunidades adotam modelos empresariais para a gestão de bens de salvação e administração de seus recursos financeiros. Nos moldes do catolicismo, as comunidades evangélicas brasileiras adotaram uma postura centralizadora de poder em figuras como bispos, missionários, apóstolos e profetas (MARIANO, 2009, p.72).

Em outro momento, Tainã pontua algumas problemáticas relacionadas a sua sexualidade no que se refere à convivência familiar:

A questão da minha orientação, eu nunca falei e pretendo nem falar enquanto eu estiver na casa deles, mas existe muito esse conflito sim! E na questão de relacionamentos, eu escondo muito e isso pesa muito, pois eu queria muito abrir logo isso, pois sei que é pior se eles descobrissem por outros.

Dentre os estudantes que assumiram sua orientação sexual perante a família, o sofrimento em muitos casos não foi menor do que os não assumidos. Conforme um estudante, a mãe é a pessoa de seu convívio que apresenta maior rejeição em relação à sua orientação. Segundo Gael: “minha mãe acredita que influenciei todos os meus primos, todos os meus parentes, todo mundo! Ela acredita que eu fui a “ovelha negra” que desviou a família inteira”.

Ressaltou que a família prefere não enxergar a realidade, negando qualquer diálogo. De acordo com o relato de Gael:

Ela (a mãe) é a pessoa que mais demonstra agressividade e rejeição quanto a orientação sexual. Na minha família não sou a única “sapatão”, meu irmão é gay, a minha irmã possui tendências bissexuais, mas meus pais negam pois ela é menor de idade e tenho muitos primos que também são. Não sei o que acontece, mas é assim!

A internalização e naturalização de concepções e normas comportamentais consolida a heteronormatividade que nega e rejeita o que é considerado diferente, prescrevendo a regulação de condutas sexuais e rejeitando aqueles que apresentem comportamento divergente. Com outro estudante, o pai foi o que apresentou maior rejeição com a revelação de sua orientação sexual. Segundo Mika:

De início teve um grande conflito com minha orientação sexual e aceitação deles, principalmente do meu pai aonde ele se colocava como vítima de minha orientação sexual por achar que eu seria vítima de chacota e de apontamentos sobre minha opção, minha mãe também não aceitou com tranquilidade.

Mika nos relatou que a relação com os pais é conflituosa até os dias atuais, e que mesmo tendo um relacionamento fixo, que participa dos eventos e festividades na família, a aceitação ainda é um grande problema para seus entes. Conforme apontou em uma fala: “atualmente eu levo e eles são super receptivos, mas ainda assim se tem o preconceito e agressões verbais ou indiferença”.

No que se refere à denominação religiosa que frequentam, os estudantes afirmaram não existir

quaisquer tipo de debate acerca da temática LGBTQIA+ e a vivência nestes locais é conflituosa e por vezes incompatíveis quando o assunto é orientação sexual.

Conforme o relato de Mika: “havia muitos conflitos internos em relação a minha opção sexual, me culpabilizando, por assim dizer!”. Kim pontuou que até mesmo em famílias com maior aceitação em relação à sexualidade, a temática não é trabalhada pelas denominações religiosas: “Com a família e amigos eu debato sobre temáticas LGBTQIA+, mas no espaço religioso não”.

Darci nos revelou que, pela forte influência da família, que sempre incentivou e cobrou a sua participação em uma comunidade religiosa evangélica, participa esporadicamente das celebrações e é ativa nos ministérios de música e pregação, mas diz não conciliar a religião com a sexualidade: “ou você é religioso ou é homossexual” e a imposição moral sempre foi marcante em sua vida, pois “sempre quis fazer e conhecer as coisas, mas algo me prende” são “prisões que carrego anos e anos pela vida”.

Já Chris frequenta uma comunidade evangélica desde o nascimento, por influência familiar, e relata que não há aceitação dos pais e da comunidade religiosa em relação a sua orientação sexual, pois, segundo ele, é colocado neste espaço que “o homem foi feito para a mulher e a mulher feita para o homem”.

Marte relatou uma relação familiar favorável a relações homoafetivas, mas diz ter ouvido comentários homofóbicos nas visitas esporádicas que realizou em uma denominação evangélica por convite de amigos, e que isso causou desconforto e irritabilidade, pois ia contra sua concepção de vida

Na infância e adolescência, Cecil frequentava a Igreja católica por conta da escola, mas relatou que não se sentia à vontade, especialmente pela presença de cultos e celebrações religiosas no ambiente escolar e pelo enviesamento do ensino, segundo ela: “eu não gostava da aula de ensino religioso, porque não era religião, tipo, de várias religiões, era só um enfoque na católica!”

A rejeição e o preconceito em relação àqueles que não se comportam conforme determina a doutrina religiosa contribuíram para o afastamento de alguns jovens dos espaços religiosos. Gael relatou que:

Em todos os lugares (igrejas) me sentia desconfortável, não teve um que eu quisesse ficar [...] É muito hipócrita! Eu sei que essa palavra é muito pesada para definir as coisas, mas eu acho muito hipócrita você pregar o amor e valores e chegar e apontando o dedo, apontando uma arma. Que Deus é esse que você prega, que você ama?”

Todos os participantes da pesquisa apontaram alguma mudança na forma como vivenciam ou enxergam sua religiosidade; conforme alguns relatos, o conhecimento, dito crítico e questionador, propiciado pelo curso de Serviço Social teve papel fundamental para a problematização de alguns valores impostos pelas denominações religiosas. Segundo Tainã:

(...) já tinha algumas coisas dentro de mim que eu não concordava totalmente com a Igreja. Só que não abria isso para os meus pais, e depois com a faculdade estas ideias foram fortalecidas, e aí foi que teve os embates com os meus pais sobre isso e várias questões! E o que era antes guardado só para mim eu externalizei com mais fundamentação.

Em outro momento, Gael revelou que o curso possibilitou uma abertura maior para os dados científicos em detrimento do conhecimento religioso. Segundo a jovem:

Eu não consigo, eu vejo as coisas e vejo o pensamento crítico, as coisas que a gente estuda, os dados, as bases teóricas e a gente contesta com aquilo lá que é uma crença, sabe? Para mim o dado científico faz muito mais sentido do que o outro

Ao ser perguntado se o conhecimento crítico adquirido no processo formativo e no decorrer de sua vida teve importância em sua vida, Mika relatou alguns pontos:

Sim! Desde minha pré-adolescência sempre fui muito crítico, chegando até ser cético em relação a religião porque não me enquadrava e achava que lá não era o meu espaço, que lá não me abrigava e então eu me sentia muito sozinho, Sabe? Sempre achei que não era o meu espaço! Não era aceitável que um lugar que pregava o amor ao próximo não aceitasse quem não segue um padrão. Eu nunca me encaixei neste padrão!

Questionada se o conhecimento crítico é levado em consideração quando o assunto é religião, Cecil respondeu que “Sim, bastante! Antes eu não pensava tanto sobre isso, hoje eu penso mais, penso de uma maneira crítica.”

Essas falas nos chamam a atenção porque demonstram que a elaboração de um currículo comprometido com a defesa e a garantia dos direitos da classe trabalhadora e com os movimentos sociais, assim como a produção de conhecimentos sobre a realidade social contemporânea, com a “Adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade” (ABEPSS, 1996, p. 6) também permite que os/as estudantes revejam suas concepções de mundo, seus conflitos internos e familiares, desconstruindo e reconstruindo novas posturas e pontos de vista, as quais estão em consonância com seus questionamentos, anseios, necessidades e desejos. Possibilita desta forma, traçar uma nova trajetória histórica para suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é difícil imaginarmos que a emergência de figuras políticas com discursos homofóbicos, racistas e misóginos, que se pautam na censura aos diferentes tornou-se usual. É mais grave quando pensamos que estes discursos e ações são pautadas em valores e concepções religiosas extremamente preconceituosas, naturalizadas e bem aceitas por significativa parcela da população brasileira.

A eleição para presidente da República, em 2018, de um candidato que profere um discurso de ódio voltado para as mulheres, os homossexuais, indígenas, negros é o exemplo maior de nossa afirmação. Da mesma forma, a eleição de grande número de deputados estaduais e federais, senadores e vereadores vinculados a igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais reforçam e legitimam códigos de condutas baseados em princípios religiosos.

É importante observarmos que a leitura e análise da sociedade nos possibilita enxergar as

singularidades de cada indivíduo neste caminho sinalizado pelo processo totalizante de marginalização, preconceito e homofobia que se naturalizam em nossa sociedade, identificando também o importante papel das denominações religiosas na manutenção da violência contra a população LGBTQIA+.

Com as aproximações acerca destas problemáticas podemos propor estratégias, enquanto categoria profissional, de enfrentamento a estas problemáticas que rebatem em nosso cotidiano profissional e em nossas vidas enquanto ser político.

Identificamos que a universidade é um espaço considerado acolhedor pelos sujeitos da pesquisa para as diversas expressões de gênero e sexualidades, diferentemente dos outros ambientes, como a família e as comunidades religiosas que se tornam pouco receptivas ao diferente.

Verificamos, a partir da fala dos estudantes que participaram da pesquisa, que os discursos legitimados pelos representantes políticos, líderes religiosos e personalidades nos espaços midiáticos é estereotipado. São falas que oprimem todos que, de alguma forma, divergem dos padrões violentamente construídos sobre os corpos, as práticas e até mesmo a religiosidade de homens e mulheres.

No país que mais mata a população LGBTQIA+ no mundo (EXAME, 2020; PLANALTO, 2018) que vigora dados alarmantes sobre a violência contra as mulheres é de se estranhar que os discursos e práticas políticas não se concretizem em concordância com a diminuição destes casos.

Os direitos civis, garantidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Carta Magna brasileira de 1988, fruto de inúmeras lutas sociais, são solenemente ignoradas por boa parte dos representantes políticos brasileiros, especialmente no que tange aos direitos individuais e aos direitos sobre o corpo, como o aborto e o casamento homoafetivo.

O Serviço Social defende a construção de uma sociedade livre da exploração de classe, gênero, etnia e orientação sexual, assim como a pluralidade e liberdade religiosa (CFESS, 1993). Portanto, é fundamental que compreendamos a intrínseca relação entre os valores e princípios religiosos para a manutenção da reprodução de violências contra determinadas parcelas populacionais afim de combatê-los e superá-los.

REFERÊNCIAS

ABEPSS. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social: com base no currículo mínimo aprovado em assembleia geral extraordinária de 8 de novembro de 1996. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996. Disponível em: http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf. Acesso em 20/03/2019.

BUTLER, Judith. *Problema de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRASIL/CFESS. *Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão*. (10ª. Ed), Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012.

BRASIL/Senado Federal. Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/05/16/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>. Acesso em 20/07/2021

EXAME. Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é país que mais mata transexuais no mundo. Disponível em <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>. Acesso em 20/07/2021

LORENÇO, João Paulo Rosa. *A relação entre conhecimento científico e valores e princípios religiosos com estudantes autodeclarados homossexuais do curso de serviço social*. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: secularização e pluralismo em debate. *Civitas: Revista de Ciências Sociais* [online], v. 16, n.4, p. 710-728, 2016. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/25765/15242>. Acesso em 10/03/2019.

MENDONÇA, Sonia Regina. Estado, violência simbólica e metaforização da violência. *Tempo* [online]. Rio de Janeiro, v.1, p. 94-125, 1996. Disponível em <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/texto-1-estado-e-viol%C3%Aancia-simb%C3%B3lica.pdf>. Acesso em 19/05/2019.

MORI, Vanessa Tiemi; SILVA, Claudia Neves. A religiosidade dos estudantes de uma universidade pública: considerações a partir do curso de Serviço Social PLURA, *Revista de Estudos de Religião*, vol. 7, nº 1, 2016, p. 439-457. Disponível em: https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1131/pdf_171

MOTT, Luiz Roberto de Barros. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Editora Ícone, 1988.

SAFFIOTTI, Heleieth Iara B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. Editora Fundação São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____. Contribuições feministas para o estudo da violência de Gênero. *Caderno Pagu*, Campinas, n. 16, p. 115-136, agosto de 2001. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100007&script=sci_arttext. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>. Acesso em 20/05/2019.

SILVA, Claudia Neves; LANZA, Fábio. A experiência do sagrado: o êxtase religioso em igrejas da Cidade de Londrina. *Revista Eletrônica Correlatio* v. 14, n. 28 - Dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/6343/5111>

_____. Estudantes de Serviço Social e as religiões: conservadorismo sob nova roupagem? *O Social em Questão* - Ano XX - nº 38 - Maio a Ago/2017. pg 249 – 268. Disponível em: [http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_38_SL_art_1_Silva_Lanza%20\(1\).pdf](http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_38_SL_art_1_Silva_Lanza%20(1).pdf)

SILVA, Laionel Vieira da; BARBOSA, Bruno Rafael S. Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. *Estudos de Religião*, v. 30, n. 3, p. 129-154, setembro - dezembro de 2016. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6309>. Acesso em 13/05/2019.

Contribuições dos autores

João Paulo Rosa Lorenzo: Participou da elaboração, redação e revisão de literatura.

Claudia Neves Silva: Participou da redação e revisão final
